

Dr. George Barros Leal: uma história de lampejos e doces acordes

Noemi Elisa Aderaldo

Quando ainda adentrava a adolescência, tive a graça de conhecer George Barros Leal.

Continuamente leve, suave, alegre, parecia-me levar no rosto o sol, refletido de uma alma branca, generosa, boa, para acender amizades, aclarar caminhos, abraçar e compartilhar manhãs da vida, como se houvesse vivenciado sucessivos renascimentos que as sustinham.

Na sua permanente disponibilidade, na visualização de céus e espaços para todos, na sua simplicidade, no sorriso largo e fácil, refulgia a Criança que conservava em si e que o impedia de envelhecer, lume indicador da ligação que mantinha com a integrante origem divina em que afinal imergira.

São extremos que se encontram, como anunciam as interpretações filosóficas de todas as cosmogonias e a cosmovisão religiosa de todos os santos, sobre a qual Santa Teresinha pronuncia: “não morro... entro na vida!”

Jamais esqueço esse real enlace, por isso ressalto o aforismo selecionado por Leonardo Boff:

“Todo menino quer ser homem.

Todo homem quer ser rei.

Todo rei quer ser Deus.

Só Deus quis ser menino.”

Como por índole jamais se deixou reduzir às dimensões do barro humano, Dr. George mereceu a dádiva de intuir do menino o sonho, o desejo de Deus.

Era cordial, dócil com a família, com os amigos, com os que ocasionalmente encontrava, com os seus pacientes em especial.

Colhia a temática que lhes interessava e discorria pacientemente sobre elas, sem mensurar o tempo, pois este era excepcionalmente outro: o tempo de duração psicológica, necessário a cada um deles.

Dr. George nasceu com a missão de afastar a dor, de minorar o medo, o peso do mundo.

Como concebia a inteireza humana, a interação de alma e corpo, era avesso a teorizações artificiais ou frívolas, usadas em tantas terapias. Voltava-se para a sanidade sistêmica do paciente, a qual, segundo ele, só seria alcançada com o seu dar-se por inteiro ao que fazia, aliado ao conhecimento colhido em inumeráveis fontes, no curso da vida, que o tornaram mestre dos mestres da ortodontia do Ceará, quiçá do País.

Guiado pela esperança que do menino herdara, descobria o brilho latente de todas as Noites, não só das que intensamente vivia nas solenidades, na academia, nas festas, nos salões dos clubes (do seu Náutico, sobretudo), como até das de aflição, em que não se deixava abater, nem abaterem-se os seus, porque, por certo, intuía que, apesar de escura, é a Noite a matriz do dia.

Tanto assim era, que nos falava em seus planos e projetos pouco antes de ir-se, o que impediu de nos apercebermos de que estava indo.

Assustou-nos o telefonema de George Jr. sobre a ocorrência.

Estarreceu-nos tanto sua partida, que o 25 de janeiro tornou-se, para nossa família, sinal de possibilidade dum sorrateiro e imenso vazio da existência que nos acomete às vezes.

Comoveu-nos a fisionomia da desesperança contida em sua Maria Amélia, em seus filhos George Jr., Eveline, Paulo, Antenor Neto, a feição da despedida de meu amigo César.

Todavia, dessa noite que o surpreendera e a que não pudera resistir, renasceu, no dia azul da Paz de Deus.

A sua inexecedível mansidão ficará na nossa lembrança.

Eternamente ficará na afeição de sua Maria Amélia – pois eram essencialmente um – de seus filhos, de seu sócia anímico, como Dr. Vinícius, dos parentes e milhares de amigos que preencheram todos os espaços de nossa grandiosa Igreja do Cristo-Rei, na missa de Sétimo Dia, que podemos chamar a da Ressurreição.

O Sr. ficará, afinal, na magia onírica dos seus netos e dos que o sucederão.

Dessa sublime presença fala-nos, através da força do núcleo verbal e do procedimento antiético, o imenso poeta Mia Couto:

“Morto amado nunca para de morrer”.

Até um dia, Dr. George.